

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

THAINÁ VALE SILVA DO NASCIMENTO

**ANÁLISE RELACIONAL ENTRE O CONCEITO PSICANALÍTICO DE
IDENTIFICAÇÃO E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO
SUJEITO NEGRO**

São Luís

2022

THAINÁ VALE SILVA DO NASCIMENTO

**ANÁLISE RELACIONAL ENTRE O CONCEITO PSICANALÍTICO DE
IDENTIFICAÇÃO E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO
SUJEITO NEGRO**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Ma. Caroline Gonzaga Torres.

São Luís

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Nascimento, Thainá Vale Silva do

Análise relacional entre o conceito psicanalítico de identificação e o processo de construção identitária do sujeito negro. / Thainá Vale Silva do Nascimento. __ São Luís, 2022.

45 f.

Orientador: Prof. Ma. Caroline Gonzaga Torres.

Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2022.

Identidade. 2. Negro. 3. Identificação. 4. Grupos. 5. Líder.

I. Título.

CDU 159.9316.6

**ANÁLISE RELACIONAL ENTRE O CONCEITO PSICANALÍTICO DE
IDENTIFICAÇÃO E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO
SUJEITO NEGRO**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ma. Caroline Gonzaga Torres. (Orientador)

Mestre em Psicologia (UFC)

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Esp. Lília Ferreira da Luz

Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Me. Ana Carolina Viana Silva

Mestre em Psicologia Clínica

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre foram os meus maiores incentivadores.

Dedico também a todos aqueles que um dia sentiram que não poderiam pertencer a um lugar de destaque por conta da sua cor de pele.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Santos, Anjos e Orixás, qualquer que seja a força divina que propiciou que eu chegasse até aqui.

À minha mãe, Yaratane Vale, pela criação, pelo amor, pelo cuidado e incentivo. Você esteve comigo nos momentos mais difíceis, e quando achei que não conseguiria mais suportar o peso das adversidades da vida, você estava ao meu lado para me acalmar.

Ao meu pai, Elson Ramos, por ser o meu maior exemplo de força, dedicação e coragem. Você sempre me ensinou que pela educação eu poderia ganhar o mundo.

À minha orientadora, Caroline Torres, pela paciência, direcionamentos, acolhida e por ter permitido que eu fosse sua monitora, estagiária e orientanda. Seus ensinamentos impactaram diretamente no meu percurso acadêmico. Foi uma honra ter sido a sua aluna.

Ao meu tio, Higor Vale, por estar sempre ao meu lado, protegendo e cuidando não só de mim, mas de toda a família. À minha tia, Rusiane Brito, pelo carinho e por ser a minha primeira referência na psicologia.

Aos meus avós, Iara Vale e Pedro Silva, por sempre me acolherem em sua casa, pelos ensinamentos, e por acreditarem em mim.

À Socorro Costa, por ter sido como uma irmã mais velha e ter feito parte da minha vida desde muito pequena, serei sempre grata.

À Danielle Maya e Carlos Bulcão, pelo carinho, profissionalismo, cuidado e dedicação. Vocês foram os maiores incentivadores para que eu estivesse hoje concluindo essa graduação, não conseguirei colocar em palavras o tamanho da minha gratidão por estar hoje viva e feliz. À Dona Lu, Dona Creusa, Danielle Campos, e demais profissionais da Equipe de Quimioterapia que estiveram comigo no Hospital Aldenora Bello, o cuidado e carinho de vocês fizeram toda a diferença no meu tratamento.

À minha segunda família, as minhas amigas e irmãs: Maria Clara Fonsêca, obrigada por ter permitido estar com você durante todos esses anos, você sem dúvida foi uma grande influência na minha decisão pela graduação em psicologia, me orgulho muito de você. À Sara Carvalho, Fabianne Passinho e Carol Lima, obrigada por mais

de uma década de amizade, obrigada por todo o incentivo, conselhos, carinho e escuta. Vocês estiveram comigo, principalmente quando eu mais precisei.

À Lívia Rocha, por possibilitar que eu tivesse um local para falar, chorar e me recompor.

À Ana Lívia, por ter sido umas das primeiras pessoas que conheci na graduação, por ter permanecido na minha vida mesmo após a distância, e por ter sido o meu apoio durante todos esses anos.

À Mariana Sales, por ter sido um porto seguro no ano passado, mesmo não podendo estar fisicamente próxima, você esteve sempre comigo. Estarei sempre torcendo e te apoiando. À Lara Maria, que ainda não sabe ler, mas agradeço por ter sido essa luz que chegou de repente e já trouxe muita alegria.

À Bruna Letícia, por toda a parceria nesses anos. Você é gigante e merece todo o sucesso do mundo. Como já disse algumas vezes, espero ter você na minha vida por muitos anos. À Sam, pela doçura e cuidado, a dedicação e o carinho que você transmite é lindo de se ver. Vocês duas foram muito importantes nesse meu momento de retorno ao convívio e me acolheram quando eu mais me senti deslocada.

À todas as minhas professoras, em especial: Maria Emília, Lidiane Collares, Gracielle Santana, Lília da Luz, Juliana Marina, Regienne Peixoto e Silvia Vale. Agradeço a dedicação, pelos ensinamentos, e por serem minhas maiores referências dentro e fora da sala de aula.

Por fim, a todos aqueles que eu encontrei no final da graduação, mas foram essenciais para o meu retorno. Em especial: Sarah, Sami, Gabrielle, Elane, Hillary, Karol, Paula e Will. Obrigada por tornarem esses dias menos estressantes, pela escuta, pelas risadas, por terem me acolhido no grupo e por todos os almoços que deveriam ser rápidos, mas que acabavam durando uma tarde inteira.

“Quem te ensinou a odiar a textura do seu cabelo?
Quem te ensinou a odiar a cor da sua pele, até o ponto em que
você clareia a sua pele para se parecer com os brancos?
Quem te ensinou a odiar o formato do seu nariz e o formato dos
seus lábios?
Quem te ensinou a odiar-se do topo da sua cabeça até a ponta
dos seus pés?
Quem te ensinou a odiar a sua própria raça?”

(Malcolm X, 1962)

RESUMO

Este estudo objetiva-se principalmente, relacionar o conceito freudiano de identificação com o processo de construção identitária negra. Quanto ao método, foi escolhido o hipotético-dedutivo, e para tal, fez-se o uso principalmente das obras de Sigmund Freud com 'Psicologia das Massas e Análise do Eu', e Frantz Fanon e a sua obra 'Pele negra, máscaras brancas'. Os resultados obtidos informam que o grupo significa mais do que um aglomerado de pessoas, é necessário haver um laço afetivo que mantenha essas pessoas unidas, e esse elo se faz por meio da identificação. O indivíduo nesse processo de identificação, almeja introjetar características desse líder para si. Contudo, a falta de pessoas negras nesse lugar de liderança, fomenta uma repulsa na sua própria identidade, e tem como consequência, uma construção identitária tardia ou rejeitada.

Palavras-chave: Identidade. Negro. Identificação. Grupos. Líder.

ABSTRACT

The main objective of this study is to relate the Freudian concept of identification with the process of black identity construction. As for the method, the hypothetical-deductive method was chosen and for that mainly the works of Sigmund Freud with "Group Psychology and The Analysis of The Ego" and Frantz Fanon and his work "Black Skin, White Masks" were used. The results obtained inform that the group means more than a gathering of people, it is necessary to have an affective bond that keeps these people united and this bond is made through identification. The individual, in this identification process, aims to introject characteristics of the leader for themselves. However, the lack of black people in this leadership position foments a repulsion in their own identity and has as, a consequence, a delayed or rejected identity construction.

Key words: Identity. Black. Identification. Group. Leader.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTTro	Comunidades Tradicionais de Terreiro
Cs	Consciente
Ics	Inconsciente
Pcs	Pré-consciente
Pcp	Perceptivo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	COLONIALISMO E SEUS IMPACTOS	15
2.1	A religião como instrumento de poder	17
2.2	O Pacto da Branquitude	20
2.3	Cultura e Identidade	22
3	O HOMEM E AS SUAS ESCOLHAS DE GRUPO	25
3.1	Identificação	26
3.2	O mal-estar e a busca pelo prazer	28
4	O EU E O ISSO	34
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Em sua obra, *Psicologia das Massas e a Análise do Eu* (1921/2011), Freud aborda acerca dos indivíduos que participam de grupos e as características dessa massa. Segundo Freud, o indivíduo se distancia cada vez mais de seus próprios interesses e da sua personalidade quando se insere no grupo, tendo em vista que acaba sacrificando os seus pensamentos, o seu sentir e suas ações em prol de uma espécie de mente coletiva. Contudo, não basta apenas uma reunião de pessoas para se caracterizar como grupo, é necessário haver laços libidinosos entre os membros.

A partir disso, a identificação é considerada como a mais remota expressão de um laço emocional com outro indivíduo por desempenhar um papel no complexo de Édipo, podendo assim se ligar ao sujeito ou ao objeto do Eu, ou seja, assumindo uma identificação pelo objeto sexual ou uma identificação que o torna um modelo, diferenciando então o querer ser e o querer ter. A consequência disso é que a escolha desse objeto resulta no Eu assumindo características do próprio objeto (FREUD, 1921/2011).

No momento em que o conceito de grupo e identificação foram pensados por Freud, ele não abordou de forma direta acerca das questões étnico-raciais da sua época. Por outro lado, Fanon (2008), traz em sua obra uma outra discussão acerca dos grupos, mas sendo esse pertencente aos colonizadores brancos. O indivíduo negro faz o possível para ingressar no mundo branco e acaba fugindo de sua individualidade, mas faz isso no intuito de ser inserido ao meio, sendo uma forma de poder se encaixar no ideal branco. O resultado disso é uma anulação da sua própria presença, uma rejeição de si.

Diante do que fora exposto, o presente trabalho é movido pelo seguinte problema de pesquisa: De que forma é possível identificar uma relação entre os conceitos elaborados por Freud acerca da identificação e o processo de construção identitária do sujeito negro?

O conceito de identificação em psicanálise, por ser considerado como o primeiro laço emocional do sujeito, faz com que o menino e a menina tenham vontade de querer ser como um dos pais e ocupar um lugar a partir desse traço de identificação. Esse processo que pode provir do Complexo de Édipo trará influências na forma como o indivíduo se relaciona com os grupos, e conseqüentemente a escolha dos seus líderes.

Por outro lado, o processo de colonização de um povo começa com o complexo de inferioridade, seja pela obrigação de aprender uma nova língua, pelo apagamento de sua cultura ou até mesmo pela rejeição de si. Fanon (2008, p. 59) aborda que: 'o problema é saber se é possível ao negro superar seu sentimento de inferioridade, expulsar de sua vida o caráter compulsivo, tão semelhante ao comportamento fóbico'.

Após a Abolição da Escravatura, ganhou mais força o movimento de embranquecer o país por meio da miscigenação, contudo, esse processo foi marcado por pressão social da elite branca, uma falsa noção de aceitação social e uma negação ética (CARONE, 2014). Dessa forma, pode-se perceber que mesmo com a independência de um povo e a sua libertação enquanto escravizados, não foi suficiente para que os seus impactos desaparecessem de um dia para o outro. Além disso, esse período de colonização da população negra teve o intuito de apagar qualquer tipo de identificação com a cultura afro. A repercussão disso na atualidade é um tardiamente do reconhecimento enquanto pessoa negra e um total afastamento de tudo que é considerado como sendo "coisa de preto."

Dessa forma, acredita-se por hipótese que, apesar do Freud não ter idealizado esse conceito para questões raciais, o processo de identificação, no caso de pessoas negras, e posteriormente a escolha dos grupos é fortemente relacionado com o processo tardio da construção identitária negra, uma vez que, enquanto não houver esse reconhecimento cultural, o indivíduo continuará tendo seus laços emocionais com pessoas que socialmente contribuem para esse afastamento identitário.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral relacionar o conceito freudiano de identificação com o processo de construção identitária negra, e como objetivos específicos apresentar o conceito de identificação em psicanálise; descrever os fatores que influenciam no processo de construção identitária negra; e identificar os impactos das massas no processo de construção identitária negra.

Apesar dessa pesquisa ter como base o uso de obras psicanalíticas, é notória a tímida relação direta da psicanálise com as questões raciais ainda na atualidade, como por exemplo, o apagamento de nomes importantes e obras no meio acadêmico, poucas palestras ou congressos sobre a temática racial e até mesmo o baixo número de analistas não brancos. Essa escassez de discussões e o apagamento de nomes importantes foi o motivador principal para a realização desta

pesquisa, tendo em vista a importância dessa temática na academia, na atuação profissional e no cotidiano.

Dessa forma, a pesquisa tem o intuito de trazer a discussão racial colonial tendo como base obras freudianas, fazendo uma aproximação entre teóricos que abordam temáticas diferentes e de épocas diferentes, além disso, tem como relevância a ideia de fomentar a discussão racial para o campo psicanalítico.

Quanto ao método, foi escolhido o hipotético-dedutivo, com a construção de uma pergunta de pesquisa e a formulação de hipóteses, podendo testar a sua veracidade (PRODANOV, FREITAS, 2013). Por sua vez, o procedimento será o do tipo revisão narrativa de literatura, tendo principais materiais o uso das obras de: Sigmund Freud com 'Psicologia das Massas e Análise do Eu', e Frantz Fanon e a sua obra 'Pele negra, máscaras brancas', Sidnei Nogueira com 'intolerância Religiosa', e por fim, Cida Bento com 'O Pacto da Branquitude'.

A pesquisa se caracteriza enquanto sua natureza como sendo uma pesquisa básica, tendo em vista que objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista (PRODANOV, FREITAS, 2013, p. 51). Quanto aos seus objetivos metodológicos e a sua abordagem é classificada como pesquisa exploratória e qualitativa, respectivamente. A pesquisa exploratória se caracteriza pelo modo mais flexível de pesquisa, construção de hipóteses e a possibilidade de uma maior familiaridade com o tema (GIL, 2002).

Para o desenvolvimento deste trabalho, o capítulo inicial irá abordar acerca do Colonialismo e como ele opera para a substituição de uma cultura considerada por eles como inferior, passando por questões envolvendo a religião, identidade e o chamado 'pacto da branquitude'. No capítulo seguinte será discutido a partir de uma abordagem psicanalítica sobre o papel dos grupos, o conceito de identificação e o mal-estar presente na sociedade. Em seguida, haverá uma explicação acerca do processo de formação do Eu. Por fim, haverá uma fusão entre os conceitos abordados nos capítulos anteriores com o intuito de investigar uma relação entre eles.

2 COLONIALISMO E SEUS IMPACTOS

A colonização de um povo traz consigo alterações em toda estrutura daquela sociedade, sendo elas: a mudança dos governantes, linguagem, tradições, moralidade, etc. Dessa forma, essas transformações acabam deixando consequências que podem permanecer por séculos. Um exemplo que pode ser visto nas gerações seguintes ao início desse processo é o complexo de inferioridade como consequência do sepultamento da originalidade cultural local. Essa inferioridade faz com que o colonizado se sinta mais 'civilizado' se estiver mais distante da sua cultura original, ou seja, quanto mais se aproximar dos brancos, maior será o seu destaque perante a sociedade (FANON, 2008).

[...]Pois, afinal de contas, é preciso embranquecer a raça; todas as martinicanas o sabem, o dizem, o repetem. Embranquecer a raça, salvar a raça, mas não no sentido que poderíamos supor: não para preservar "a originalidade da porção do mundo onde elas cresceram", mas para assegurar sua brancura (FANON, 2008, p 57).

No contexto brasileiro, os escravizados vieram de diversos países do continente africano, contudo, foram separados para que não houvesse uma união entre eles, tendo em vista que ao colocar pessoas que falassem línguas diferentes e tivessem costumes também divergentes, isso impediria de haver uma boa comunicação entre eles. Diante disso, a diferença da origem étnica foi um elemento importante para a não constituição de um grupo homogêneo, mas a hierarquização interna dos escravizados não pode ser ignorada, uma vez que essa diferenciação poderia influenciar no seu tratamento perante o senhor, ter certos 'privilégios' e na distribuição do papel que seria desempenhado por eles. Algumas dessas diferenciações estão: 'africanos', 'crioulos', 'boçais', 'escravos domésticos', 'capitão-do-mato', 'negros-de-ganho', entre outros (HOFBAUER, 2006).

Consequentemente, a colonização acabou instaurando uma atitude fóbica nos povos negros no intuito de querer se afastar de tudo que é considerado como 'coisa de preto', e por conseguinte, acabou sendo um fator importante para o sequestro identitário dos povos africanos. Dessa forma, a cultura originária acaba se perdendo no tempo e as crianças são bombardeadas com influências brancas, impactando na autoestima de forma negativa, o que mais tarde terá influência na sua negativa da identificação enquanto pessoa negra.

O fato desse comportamento de buscar o ideal branco e o desejo de ser como eles [brancos] continuar sendo presente na sociedade mesmo séculos após a colonização, mostra que essa sociedade torna viável essa ideia de inferioridade cultural e confirma a superioridade racial (FANON, 2008).

Bento (2014), traz em seu texto o termo branquitude que representa os traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento. Segundo esse conceito, o branco traça um pacto entre os seus iguais de estabelecer as suas representações como as ideais e desvaloriza todo o resto. O ato de embranquecer as gerações e a cultura faz com que esse sujeito seja um pouco mais bem-visto, contudo, as pequenas exclusões do cotidiano trazem um lembrete de que ele não pertence totalmente ao grupo.

Diante disso, o pacto da branquitude e a ideia de inferioridade cultural são elementos essenciais para o adiamento do reconhecimento identitário, fazendo com que a construção desse Eu se torne mais lenta a partir dessa relação entre corpo e espaço. O negro só se percebe diferente quando a sociedade expõe essa diferença.

Por outro lado, instalou-se no imaginário de uma parcela da sociedade a ideia de uma possível democracia racial. Nascimento (1978) expõe que essa democracia racial não passa de um mito que tem como ponto de partida o argumento da sobrevivência de traços da cultura africana no país a partir de uma relação amigável entre os senhores e seus escravos¹. Sendo assim, implica na convicção de que a presença de canções, danças, comidas, religiões de origem africana que continuam presentes no Brasil até hoje, são por consequência de uma benevolência dos seus senhores, eliminando todo o protagonismo de grupos que lutaram pela sua própria resistência e de sua cultura.

[...] Desde 1630 até 1697, a chamada “Tróia Negra” resistiu a mais de vinte e sete expedições militares enviadas por Portugal, pelos holandeses, até que finalmente foi destruída pela força mercenária comandada por um bandeirante. Palmares - cuja população se calcula chegou à casa das trinta mil pessoas entre homens, mulheres e crianças [...] Mas Palmares, conforme

¹ Gilberto Freyre teve o seu nome atribuído como um dos principais responsáveis pelo termo ‘democracia racial’, sendo um dos maiores defensores dessa ideia. Além disso, foi o encarregado da legitimação científica e pela propagação da ideia de uma inexistência de preconceito racial no Brasil. De acordo com registros, a primeira vez que usou um termo sinônimo foi em 1944, na Universidade do Estado da Indiana, em que foi usado ‘democracia étnica’. Na literatura acadêmica, o termo teve sua origem com Charles Wagley, em que exaltava a democracia racial no Brasil, publicado em 1952. No período pré-abolição, em 1867, o francês Quentim defendia que a transição da escravidão para o trabalho livre seria facilitada, uma vez que no Brasil não havia preconceito de raça. Por fim, é importante destacar que com o fim do período democrático, em 1964, os ativistas negros decretaram a morte da democracia racial e passaram a referir tal conceito como um mito (GUIMARÃES, 2001).

já foi consignado por estudiosos da nossa realidade, significa principalmente o grito desesperado dos africanos contra a desintegração da sua cultura nas estranhas terras do Novo Mundo (NASCIMENTO, 1978, p. 60).

Ainda em sua obra, Nascimento (1978), sinaliza acerca da errônea aparência da colonização portuguesa como um selo de generosidade e benevolência civilizadora diante do território. Entretanto, a realidade era o uso da religião e força militar no saque de terras e negação dos costumes daquele povo.

2.1 A religião como instrumento de poder

A colonização na América Latina, seja pelos portugueses ou espanhóis, teve uma influência direta da Igreja Católica, fomentando a ideia de que seria uma relação mais branda e humanizada, ao contrário de outras, como por exemplo as colônias inglesas. Uma figura de grande poder, sendo considerado uma referência de caridade entre os cristãos católicos, foi o Padre jesuíta Antônio Vieira, uma vez que tinha como missão catequizar os povos presentes no território (NASCIMENTO, 1978).

Dentre os seus discursos, Antônio Vieira falava para os escravos que esses deviam obediência aos seus senhores, uma vez que Deus havia os colocado nessa situação de servidão, sendo considerado até mesmo uma vocação, um sofrimento semelhante ao de seu Filho Jesus. Além da obediência, também deviam gratidão, pois ao saírem de suas terras agora eles tinham a oportunidade de conhecerem a fé católica e assim obterem uma vida aos moldes do cristianismo (NASCIMENTO, 1978).

A partir dessas missões dos padres jesuítas com a catequização dos povos indígenas e africanos, construía assim a ideia de uma fidelidade entre os 'irmãos', não importando se eles são bons ou maus, mas deveriam servir com o coração puro. Essa postura cristã era cobrada de apenas um dos lados, sendo essa uma tentativa de impedir resistências e rebeliões contra os seus colonos. A recompensa para tamanha benevolência seria obtida no futuro, mas para isso era necessário haver o batismo antes. Ainda em suas pregações, dessa vez em Lisboa, o padre Vieira afirmou que o banho no rio poderia até limpar a pele, mas não os tornariam brancos, só seria possível atingir esse ideal a partir do batismo (NASCIMENTO, 1978).

Dessa forma, a Ordem dos Jesuítas atendia aos interesses da Coroa Portuguesa e do Papado, uma vez que o Estado criava leis que legalizavam o poder e dominação da religião e assim poderia haver uma expansão da fé católica no

continente americano. A partir do apagamento e silenciamento de qualquer crença e cultura que não fosse europeia, os povos originários continuam sendo desconsiderados até os dias atuais, um exemplo disso são as constantes missões com o objetivo de evangelizar e apresentar 'a verdade' aos povos indígenas (NOGUEIRA, 2020).

Essa noção de privilégio de uma representação sociocultural em detrimento de outras, pode ser nomeada como etnocentrismo, fazendo com que todas as crenças fora do eixo europeu passassem a serem vistas como insignificantes. Esse entendimento de que as religiões não-cristãs são equivocadas, malignas e até mesmo bárbaras, não é um processo natural, ele surge a partir de uma postura social, histórica e cultural (NOGUEIRA, 2020).

A intolerância em geral pode ser considerada como um estimulante para diversas tragédias ao longo da história mundial, civilizações foram destruídas na América Latina, pessoas foram caçadas com o argumento de serem bruxas, genocídios em nome de uma limpeza racial, entre outros exemplos marcados por uma ideia de superioridade ideológica. A intolerância religiosa no Brasil é atrelada a uma discriminação nas tradições de origem africana, gerando uma onda de ódio a todos os rituais não-hegemônicos. Essa perseguição tem grande força até os dias de hoje, tendo forte apoio de grupos detentores de muita influência, entre eles o poder político (NOGUEIRA, 2020).

Segundo Munanga (2019), o processo de construção da identidade negra no Brasil envolve características culturais, linguísticas, além da forma como o grupo se define e a forma como esse grupo é definido pelos demais. O desenvolvimento dessa identidade começa a partir da consciência de que existe uma diferença entre os grupos, e essa descoberta ocorre de uma forma muito particular para cada um dos membros. O fator histórico é um dos pontos mais importantes para a estruturação dessa paridade e consiste na continuidade histórica de um povo, ligando o seu passado com o presente, e preservando esses ensinamentos para o futuro, a partir da transmissão para as próximas gerações.

A luta pela conservação de uma memória cultural negra pode ser identificada fortemente através das religiões de matrizes africanas, tendo em vista que nos terreiros, os ritos e as práticas religiosas têm o cuidado de serem propagados aos integrantes, sendo a oralidade considerada como um importante condutor de ensinamentos (MUNANGA, 2019).

Acerca dessas Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro), Nogueira (2020, p. 13-14), afirma que:

Uma CTTro é um espaço quilombola que mantém saberes ancestrais de origem africana que são parte da identidade nacional. Um espaço de existência, resistência e (re-)existência. Um espaço político. Território de deuses e entidades espirituais pretas, por meio dos quais se busca a prática de uma religiosidade, a um só tempo terapêutica e sócio-histórico-cultural, que se volta para o continente africano, berço do mundo no Novo Mundo.

A imposição de uma cultura pautada no eurocentrismo contribui para que haja uma inserção das CTTro no local de demonização, sendo considerados como um inimigo comum. Na atualidade, é possível identificar que esses grupos evangélicos estão buscando cada vez mais espaço nas rádios, canais televisivos e representação no Congresso Nacional, contribuindo para o estabelecimento da sua própria comunicação (NOGUEIRA, 2020).

A Frente Parlamentar Evangélica no ano de 1987 contava com 33 deputados, mas em 2020 passou a ser composta por 87 deputados federais e 3 senadores. A problemática disso se faz pelo uso da mídia e da política como forma de propagar a mensagem que eles consideram como sendo a única verdadeira, contribuindo para uma perseguição daqueles que não são adeptos a tal religiosidade. Por outro lado, a Constituição de 1988 garante uma liberdade de crenças, permitindo que cada pessoa possa reconhecer publicamente e praticar a sua fé (NOGUEIRA, 2020).

Na tentativa de preservar as religiões africanas no território brasileiro, formou-se então um sincretismo religioso, que consiste na ‘mescla’ com o catolicismo. Contudo, ao contrário do mito de que essa movimentação tenha ocorrido de forma natural, o sincretismo católico-africano ocorreu como uma forma de proteção contra as investidas destruidoras do Estado, tendo em vista que tal crença era considerada ilegal. A partir disso, os escravizados passaram a adorar as suas entidades usando nomes dos santos católicos (NASCIMENTO, 1978).

Diante de todas essas investidas para um apagamento das religiões de matrizes africanas, os conceitos de tolerância, intolerância, liberdade religiosa e laicidade, ganharam força nos debates acerca do assunto. Contudo, é necessário haver uma maior criticidade diante do termo tolerância, Nogueira (2020, p. 35) argumenta que: ‘Tolerância é um termo que vem do latim *tolerare* e significa “suportar” ou “aceitar”. A tolerância é o ato de agir com condescendência e aceitação perante

algo que não se quer ou que não se pode impedir.' Sendo assim, é necessário muito mais do que apenas suportar o diferente, é essencial o respeito e aceitação do outro.

2.2 O Pacto da Branquitude

A branquitude é um fenômeno caracterizado pela transmissão da dominação de pessoas brancas nos espaços, principalmente de lideranças, a partir de um pacto de cumplicidade para manter os seus privilégios. Esse pacto se mantém através de acordos não verbalizados, mas que acabam atendendo aos interesses da massa. A origem se deu na colonização, uma vez que o padrão de conduta era branco e europeu, e tudo que fugia disso era motivo para exclusões, negações e repressão (BENTO, 2022).

Uma forma de permanência dessa hegemonia branca no mercado de trabalho, por exemplo, se faz pela ideia de uma meritocracia. Sendo assim, a presença das pessoas brancas em espaços de prestígio é vista como merecimento e muita força de vontade, enquanto a ausência de pessoas negras nesses espaços é lida como falta de aptidão e pouco esforço. Esse mérito se torna mais fácil quando os privilégios em relação a uma boa educação e moradia foram passados de geração em geração. Diante disso, a herança escravocrata e os seus impactos positivos para a população branca são quase ignorados em relação ao tanto que se discute acerca das consequências negativas para a população negra (BENTO, 2022).

Discutir sobre esses impactos significa atribuir uma culpa e vergonha a um grupo, e ser relacionado ao período de escravidão é intolerável para o coletivo. Contudo, a herança se mantém para as gerações seguintes e as desigualdades não são solucionadas. As implicações poderiam ser menores se no processo de Abolição da Escravatura tivesse sido pensando em como essas pessoas libertas seriam amparadas. O que aconteceu foi uma preocupação em relação a como esses ex-proprietários iriam ser compensados com a perda de seus escravos (BENTO, 2022).

Por sua vez, o Brasil se preocupou em prover reparação aos proprietários de escravizados. Em 1871, por exemplo, foi publicada a Lei do Ventre Livre, libertando os filhos das mulheres escravizadas, mas colocando-os sob custódia do senhor, que deveria receber uma indenização do Estado quando a criança completasse oito anos, ou poderia exigir compensação da própria criança, forçando-a a trabalhar até os 21 anos (BENTO, 2022, p. 21).

Além disso, outras formas de reparações se deram com ações que estimularam a vinda de imigrantes europeus para viverem no país. Entretanto, o tratamento desse novo grupo foi muito diferente dos escravizados do continente africano, uma vez que esses imigrantes teriam a proteção do Estado. Por fim, é importante destacar que a distribuição de terras nesse período passou a ser por compra e venda desses lotes. A problemática dessa Lei se deu pela falta de recursos financeiros desse grupo de pessoas recém libertas, sendo assim, as terras se concentram em uma elite latifundiária, trazendo consequências até na atualidade (BENTO, 2022).

Essa herança colonial, também conhecida como 'privilégio branco', é uma estrutura de poder passiva, ou seja, independente da pessoa querer ou não, ela acabará sendo beneficiada. A inserção de pessoas negras em espaços majoritariamente brancos acaba sendo vista como uma ameaça ao que é considerado tradicional (BENTO, 2022).

Nem todos os privilegiados se reconhecem como parte de um grupo que traz em sua história a expropriação de outros grupos. A herança branca contém marcas da apropriação de bens materiais e imateriais, originárias da condição de descendente de escravocratas e colonizadores e é uma herança frequentemente tratada como mérito para legitimar a supremacia econômica, política e social. Essa herança fortalece a autoestima e o autoconceito da população branca tratada como "grupo vencedor, competente, bonito, escolhido para comandar". (BENTO, 2022, p. 72-3).

Enquanto a branquitude não se reconhecer enquanto grupo privilegiado, o lado dos que foram prejudicados continuará sendo visto como aqueles que estão nessa situação por não terem se esforçado o suficiente. Pensar em um fim a esse pacto será necessário intervir em atitudes mais profundas, como as ações coletivas estruturais envolvendo as responsabilidades sociais (BENTO, 2022).

2.3 Cultura e Identidade

A cultura pode ser entendida como tudo aquilo que é característico de um povo, e tem como objetivo o estabelecimento de direções para todos os aspectos da vida dos integrantes desse grupo, seja na forma de se vestir, a maneira correta de falar, o que não deve fazer, até mesmo como pensar. A sua construção tem origem de forma complexa e é resultante de diversos fatores, dentre eles estão o meio, a história e as condições sociais de determinado lugar. A cultura acaba sendo uma

condição para o estabelecimento de uma sociedade, não se pode pensar em sociedade sem que se tenha uma cultura e cada povo dá o seu significado e história para essas normativas (WILLIAM, 2019).

O conjunto de normas estabelecidas pela cultura ajuda na comunicação entre os indivíduos dessa coletividade, deixando bem delimitada a diferença entre quem é pertencente e quem é de fora desse grupo. No caso do indivíduo negro, esse pertencimento cultural se dá pela branquidão, uma vez que para sentir essa identificação social, ele precisa recusar a sua própria imagem e se aproximar ao máximo desse ideal branco. Contudo, essa tentativa de ajustamento é interdita pela própria sociedade, tendo em vista que esse ideal nunca será alcançado, uma vez que a marca da sua inferioridade está no próprio corpo negro (NOGUEIRA, 1998).

Por outro lado, o processo de aculturação, segundo Nascimento (2019), ocorre a partir de uma fusão de elementos culturais. No Brasil, esse processo se deu com a mistura de partes da cultura indígena, europeia e africana. Apesar da ideia de que o cruzamento de elementos ocorre de forma natural e pacífica, os povos originários e os africanos foram forçados a atribuírem traços do grupo europeu dominante como forma de sobrevivência, tendo como exemplo o sincretismo das religiões de matrizes africanas.

No momento da distribuição dos negros no território brasileiro, houve uma separação estratégica das famílias e daqueles que vieram da mesma região, o intuito era que pessoas de diferentes culturas, com religiões diversas e idiomas diferentes passassem a conviver na mesma senzala. Dessa forma, os colonos dificultaram a comunicação entre eles e favoreceram diversos conflitos pelo choque cultural. A única alternativa para a sobrevivência era por meio da aculturação, uma vez que precisavam conviver e resistir, mesmo que para isso tivessem que perder cada vez mais a sua identidade e dar lugar a uma transculturação da identidade negra (NOGUEIRA, 1998).

De acordo com a obra de William (2019), o processo da aculturação também pode contribuir para um outro fenômeno social, a apropriação cultural, que consiste na tomada de posse de elementos de uma cultura considerada inferior, esvaziando todo o seu significado e importância. A problemática da Apropriação Cultural vai além de decidir quem pode ou não usar tranças ou turbantes, mas sim o debate acerca do racismo envolvido na decisão de que algo começa a ser considerado aceitável ou bonito quando é utilizado por certos grupos, além da retirada do significado originário daquele costume. Na música brasileira, ritmos como o samba,

pagode, axé music e funk carioca tiveram sua origem com forte influência dos povos pretos, passando por diversas perseguições e preconceitos. Contudo, após a inserção de artistas brancos no meio, passaram a ser mais valorizados, com um apagamento desses precursores e mais destaque positivo nas grandes mídias e festivais.

Outro importante componente da cultura é a comunicação, o sujeito tem a sua origem na linguagem, e através da fala é possível ter acesso às manifestações inconscientes (NOGUEIRA, 1998). No caso dos povos indígenas e escravizados, foi necessário passar por uma adaptação da sua forma de se comunicar e a alternativa para que fosse possibilitada a comunicação entre os diferentes povos foi a aprendizagem do idioma de seus colonizadores (NASCIMENTO, 2019). Dessa forma, a língua se apresenta como um forte instrumento de poder, uma vez que as missas eram realizadas em português e a promessa de serem considerados sujeitos com alma seria através desses ritos, os jesuítas possuíam a fórmula para tornar esses nativos mais 'dóceis'. Além disso, a transmissão de conhecimento mais valorizada passa a ser a escrita e para serem considerados mais cultos e aceitos na sociedade, era necessário falar o português sem as trocas do 'r' pelo 'l', como no caso de 'flor' e 'fror' (WILLIAM, 2019).

Entretanto, esse sentimento de humanidade e pertencimento na sociedade fica prejudicado por conta dessa rejeição de si, por mais que se aprenda a falar o português de forma culta, ou até mesmo outros idiomas, continuará sendo o sujeito alheio. Nogueira (1998), ao discutir sobre identidade, aborda que os procedimentos estéticos que estão cada vez mais presentes na sociedade, muitas vezes são realizados na tentativa de atingir esse desejo que na verdade é inatingível, e o seu corpo continua sendo uma negação daquilo que deseja, não havendo uma conciliação entre o ideal do Eu e a sua condição biológica de ser negro. Esse desejo pelo embranquecimento acaba sendo o desejo da morte do seu corpo.

A construção dessa identidade começa quando a criança passa a ser introduzida a outras referências além dos pais, e por meio da linguagem vai garantindo a sua existência no grupo. Nesse processo de identificação, o indivíduo introjeta através da imitação ou incorporação o objeto amado ou odiado, funcionando como um mecanismo de defesa. O negro pode então acabar sendo o sujeito no outro, não sendo real no seu próprio corpo. E essa nova imagem de si, forjada a partir da relação com o outro, pode acabar colocando-o à mercê da vontade desse outro (NOGUEIRA, 1998).

O corpo humano, para além de seu caráter biológico, é afetado pela religião, grupo familiar, classe, cultura, e outras intervenções sociais. Assim, cumpre uma função ideológica, isto é, a aparência funciona como garantia ou não da integridade de uma pessoa, em termos de grau de proximidade ou de afastamento em relação ao conjunto de atributos que caracterizam a imagem dos indivíduos em termos do espectro das tipificações. (NOGUEIRA, 1998, p. 43).

Essa imagem construída tem a mídia como grande influenciadora nesse processo, isto é, pessoas negras são constantemente bombardeadas com representações preconceituosas, que estereotipam e ridicularizam, ou o extremo oposto, simplesmente a sua existência é completamente ignorada (BERTH, 2019). Crianças crescem com essas representações e acaba sendo uma porta de entrada para o processo de ódio do próprio corpo. Enquanto não for demonstrado que é possível ocupar os espaços, o negro continuará sendo desumanizado e a busca desse ideal cotinuará.

3 O HOMEM E AS SUAS ESCOLHAS DE GRUPO

O ser individual é um membro de um povo e se organiza de acordo com essa massa para um determinado objetivo. O grupo tem como uma de suas características o poder de transformação em seus integrantes, o que antes era heterogêneo, agora passa a ser homogêneo, numa espécie de alma coletiva. Além disso, esses componentes pensam, sentem e agem de forma diferente em relação a sua maneira individual, tendo em vista que, as modificações que podem ser inclusive psíquicas (FREUD, 1921/2011).

Essa junção de pessoas, mesmo que sejam bem diferentes umas das outras, existe um elo formado entre elas, o que acaba caracterizando uma massa. Nesse grupo, os interesses individuais são momentaneamente esquecidos e dão lugar aos do coletivo (FREUD, 1921/2011). Desta maneira, a pessoas vai gradualmente se distanciando do seu usual no intuito de ser inserido e de permanecer em determinado agrupamento, mesmo que isso signifique ignorar as suas ideias, podendo fazer isso sem que ao menos perceba.

Outra característica que pode ser identificada na massa está relacionada ao quantitativo das pessoas unidas, elas sentem que são invencíveis, que tudo é possível de ser feito, e assim acabam cedendo a impulsos que conseguiriam manter no controle se estivessem sozinhas. A sensação de responsabilidade nesse caso vai sendo diminuída, uma vez que o medo social também vai sendo reduzido, esse elo entre os componentes pode trazer uma sensação de proteção e o medo das consequências vai sendo deixado de lado (FREUD, 1921/2011).

Para que se mantenha a ordem e se consiga atingir os objetivos desse aglomerado, é indispensável a figura de uma pessoa responsável em influenciar e coordenar os demais, sendo essa a função de um líder. Ainda em sua obra, Freud (1921/2011), destaca que o líder desperta uma fascinação, uma fé e assim consegue fazer com que essas pessoas aceitem as suas ideias. Por não agirem como eles mesmos, a massa se torna altamente influenciável, crédula, impulsiva e acrítica, nenhum interesse pessoal é considerado, nem mesmo o de autopreservação.

A presença de uma liderança desperta a necessidade de ter alguém para seguir e se espelhar. Para exercer essa influência na vida desses componentes, é imprescindível que ele tenha prestígio entre eles.

[...] A estas ideias, assim como aos líderes, atribui igualmente um poder misterioso, irresistível, que ele chama de 'prestígio'. O prestígio é uma espécie de domínio que uma pessoa, uma obra ou uma ideia exerce sobre nós. Paralisa toda a nossa capacidade crítica e nos enche de espanto e respeito (FREUD, 1921/2011, p. 31).

Esse prestígio pode ser dividido em dois tipos, o adquirido artificialmente, como é o caso dos dados pelo nome, reputação e riquezas, e o pessoal, que ocorre como um magnetismo, se torna líder e as pessoas obedecem. Essa é a representação do líder (FREUD, 1921/2011).

De acordo com essas características levantadas acerca do processo de grupos e lideranças é importante entender o que motiva as pessoas a permanecerem nessa condição de obediência e impessoalidade momentânea. Para elucidar esse questionamento, Freud (1921/2011) expõe que, para permanecer na massa, é preciso ter amor por ela, tendo em vista que através dela há um aumento das afetividades no indivíduo. Entretanto, esse aumento proporciona um desfavorecimento das atividades mentais, uma vez que o pensamento nesse contexto não é livre.

Em vista disso, a teoria da afetividade revela que a libido é a energia quantitativa dessas pulsões relacionadas com tudo aquilo que pode ser abarcado pela palavra 'amor' (FREUD, 1921/2011). Sabendo então sobre essa relação do amor com a permanência na massa, é possível imaginar que a finalização de um grupo ou a retirada de um membro seja algo aflitivo, levando em consideração que não basta apenas um amontoado de pessoas para se configurar como uma massa, mas sim a relação libidinal entre elas.

3.1 Identificação

Ao relatar sobre identificação, Freud (1921/2011) aponta que essa é a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a uma pessoa, e a coletividade precisa ser constituída a partir do estabelecimento de laços afetivos entre os seus integrantes. Esse processo é possível de ser reconhecido primeiramente quando o garoto passa a ter um interesse atípico pelo pai, desejando ser como ele e tomar o seu lugar, dessa forma o pai passa a ser o seu ideal, ajudando na vinda do complexo de Édipo. A mãe por sua vez, passa a receber um investimento objetal, podendo ocorrer de forma simultânea ou até um pouco antes dessa identificação com o pai. Sendo assim, o pai é o modelo, a identificação e a mãe é o investimento objetal direto do menino. A partir

desse encontro surge posteriormente o complexo de Édipo devido a unificação da vida psíquica do indivíduo, mas, antes, essas duas ligações psicológicas coexistem sem que uma influencie a outra. Com essa nova relação a partir do complexo de Édipo, o pai se torna então o obstáculo para conseguir chegar até a mãe, tornando essa identificação com um caráter mais hostil, ou seja, ele não deseja mais ser como ele, mas sim substituí-lo.

Acerca desse ideal do Eu, é possível entender que:

[...] em nosso Eu se desenvolve uma instância que pode se separar do resto do Eu e entrar em conflito com ele. Nós a chamamos de 'ideal do Eu' e lhe atribuímos funções como auto-observação, consciência moral, censura do sonho e principal influência no recalque. Dissemos que é a herdeira do narcisismo original, em que o Eu infantil bastava a si mesmo. Gradualmente ela acolhe, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, as quais o Eu nem sempre é capaz de cumprir, de modo que o indivíduo, quando não pode estar satisfeito com seu Eu em si, poderia encontrar satisfação no ideal do Eu, que se diferenciou do Eu (FREUD, p. 67-8, 1921/ 2011).

Devido a essas mudanças na relação pai-filho, a identificação pode ser uma expressão de ternura ou desejo de eliminação. Posto isso, pode ocorrer depois no complexo de Édipo uma inversão, e o pai passa a ser tomado como objeto e as pulsões diretamente sexuais esperam a sua satisfação. Essa identificação se torna precursora da ligação objetal ao pai. Uma diferenciação está no querer ser como ele, que ocorre na identificação, ou no querer ter, que ocorre na escolha da pessoa como objeto, vai depender se o investimento vai ser direcionado ao sujeito ou no objeto do Eu (FREUD, 1921/2011).

Ainda sobre as características da identificação, Freud (1921/2011), argumenta que o indivíduo se esforça para modificar o próprio Eu no intuito de se assemelhar àquele que foi tomado como modelo, adotando assim, características do objeto. Além de ser considerado como o primeiro laço afetivo, pode ser uma via regressiva quando essa identificação se torna o substituto para uma ligação libidínica por meio da introjeção do objeto no Eu, ou seja, assumindo características ou até mesmo sintomas da pessoa amada. Outro importante ponto a ser levantado, é que na identificação, também pode surgir diante de qualquer nova percepção de algo em comum com uma determinada pessoa que não necessariamente é um objeto das pulsões sexuais.

Diante do que já fora dito sobre as massas e sobre o processo de identificação, é possível entender que esse laço afetivo, que é o responsável por unir os integrantes o grupo, se faz pela identificação, tendo o líder como modelo que o

indivíduo quer *ser*, sendo enriquecido com os atributos desse líder, colocando-o no lugar do seu ideal do Eu.

Diferenciando-se da identificação, o amor é caracterizado pelas relações afetivas, sendo o enamoramento um investimento de objeto por parte das pulsões sexuais como forma de satisfação direta. Dessa forma, na primeira fase de vida, a criança encontra nos pais o primeiro objeto de amor, e neles estão reunidas todas as pulsões sexuais que demandam uma satisfação. O recalque que vem depois impõe uma renúncia dessas metas sexuais infantis e acaba resultando em alterações na relação com os pais. Essas tendências sexuais até são preservadas no inconsciente, mas é somente na puberdade que são introduzidas novas tendências para a satisfação dessas metas sexuais. Nessa idealização, o objeto escolhido é tido como o próprio Eu, fazendo com que, no enamoramento, mais libido narcísica acabe transbordando para o objeto (FREUD, 1921/2011).

Nessa substituição do Eu pelo objeto, não existe uma criticidade, causando uma cegueira no indivíduo. Enquanto que na identificação existe um fascínio por esse modelo, e um enriquecimento por conta da introjeção das características desse objeto, no enamoramento o Eu está entregue a esse outro, como uma servidão.

3.2 O mal-estar e a busca pelo prazer

Ser inserido na sociedade não é uma tarefa fácil, é necessário aprender uma cultura, estabelecer uma linguagem, seguir normativas anteriores à sua existência, mas fazer parte de um grupo pode conceder muito prazer, uma vez que proporciona a ideia de invencibilidade, fascínio pela figura do líder e o estabelecimento de laços com os demais integrantes. Por outro lado, interagir, conviver e obedecer, pode trazer dores e decepções.

Ao falar sobre o mal-estar presente na sociedade, Freud (1930/2010), sugere três paliativos para conseguir suportar a difícil missão que é o viver, eles são: poderosas diversões, gratificações substitutivas e substâncias inebriantes. Quando fala sobre essas distrações, também pode estar se referindo à ciência, algo que exija dedicação, dando a sensação de redução das misérias do cotidiano; as gratificações substitutivas podem ser comparadas às artes, tendo em vista que são formas de ilusões diante da realidade, uma espécie de fantasia; por fim, os entorpecentes que agem no corpo alterando a estrutura química dele.

A religião tem o importante papel de ser uma forma de realização do indivíduo, é através dela que será respondido qual o sentido da vida. Freud (1930/2010), ao falar sobre essa busca pelo sentido da vida, teoriza que o homem está em uma constante procura da felicidade, e essa idealização da felicidade tem como meta a ausência do desprazer e a experiência dos prazeres (FREUD, 1930/2010).

Diante disso, o sujeito tem o princípio do prazer como guia para a felicidade, uma vez que o que é entendido como felicidade vem da satisfação dos desejos recalçados. Contudo, é apenas episódico, proporcionando apenas uma breve sensação de bem-estar. A infelicidade, por outro lado, é bem menos difícil de experimentar, tendo em vista que o sofrer pode ameaçar em três vias: do próprio corpo, que não dispensa a dor e o medo; do mundo externo, que pode se abater com forças destruidoras; e, as relações com os outros. Sendo assim, com todas essas formas de sofrimento, o indivíduo passa a moderar no seu princípio do prazer em detrimento ao princípio da realidade a partir de influências do mundo externo (FREUD, 1930/2010).

Viver se empenhando a satisfazer todos os desejos, ou evitando o desprazer, pode até ser uma atitude tentadora de se viver, mas acaba significando colocar o gozo à frente da cautela. Uma outra forma de tentar não sofrer, é evitando as relações humanas, uma vez que estar em um grupo significa interagir e seguir normativas, o que pode causar tensões. Apesar dessa procura pelo prazer, a vida psíquica apresenta oscilações na dificuldade em experimentar prazer (FREUD, 1930/2010).

O uso de substâncias químicas como forma de obter prazer imediato pode tornar o indivíduo insensível aos impulsos desprazerosos, sendo essa uma maneira de fugir da realidade posta de se estabelecer em um mundo próprio (FREUD, 1930/2010). Quando a pessoa passa a esgotar a energia nessas substâncias, ele pode deixar de desempenhar outras atividades consideradas importantes, e socialmente não é uma atitude aceitável.

Para continuar na tentativa de afastar o sofrimento, pode ocorrer o deslocamento da libido do aparelho psíquico. Através dessa mudança, as metas das pulsões são deslocadas a tal ponto que não serão atingidas pelas frustrações que o mundo externo pode proporcionar. A proposta mais aceitável é elevar o ganho do prazer a partir das fontes de trabalho, conhecida como sublimação. A aplicação desse

método, seja por um artista ou cientista, não é possível de ser aplicável por todos, é exigido um certo talento para tal ação (FREUD, 1930/2010).

As obras de arte, por sua vez, apresentam o potencial de satisfazer pela fantasia, tornando acessível a visão do artista a todos. Essas ilusões e fantasias foram poupadas no teste da realidade e permaneceram destinadas à satisfação dos desejos considerados difíceis de serem realizados (FREUD, 1930/2010).

Outra forma de tentar alcançar o prazer se dá pelo amor. Anteriormente foi abordado que o amor é um importante elemento que conecta as pessoas nos grupos, amar significa respeitar, mas também acarreta um fascínio e aceitação das mais diversas atitudes do outro, mesmo que em uma situação adversa provavelmente não seria considerada tão aceitável. Também falando sobre o amor, Freud (1930/2010) comenta que quando o amor é colocado como centro da vida, é de se esperar uma satisfação no amar e ser amado. Essa manifestação, que é tão comum entre os indivíduos, proporciona uma sensação forte de prazer.

Ainda abordando sobre o amor e as obras de arte, a estética e beleza são elementos que estão ligados como uma forma de atração. Freud (1930/2010), relata que a beleza pode até não afastar o sofrimento, mas é capaz de proporcionar sensações peculiares, e o que é considerado belo é aquilo que tem relação com o objeto sexual.

Apesar de todas essas alternativas para tentar afastar os desprazeres da vida, não é possível atingir esse estado por muito tempo. O único caminho que promete a felicidade plena é a religião.

Sua técnica consiste em rebaixar o valor da vida e deformar delirantemente a imagem do mundo real, o que tem por pressuposto a intimidação da inteligência. A este preço pela veemente fixação de um infantilismo psíquico e inserção num delírio de massa a religião consegue poupar a muitos homens a neurose individual (FREUD, 1930/ 2010, p. 42).

A religião, com a sua promessa de vida eterna e total afastamento de tudo o que é considerado negativo, exige que antes os integrantes desse grupo seletivo tenham a figura do seu líder como a regra da moralidade em todos os aspectos da vida, renunciando o que é considerado como fonte de prazer pelos alheios ao grupo religioso.

Diante de tanto sofrimento que a convivência em sociedade pode proporcionar, se torna curioso observar que os grupos são construídos para proporcionar prazer, mas acabam sendo uma das maiores fontes de mal-estar. Logo

no surgimento de muitas civilizações, o colonialismo e o imperialismo foram responsáveis pelo rebaixamento de culturas já existentes no território, com costumes impossíveis de serem aceitos por seus invasores e a solução foi a substituição.

Essa convivência na sociedade traz certos objetivos, que são: proteger os homens das forças da natureza e regulamentar vínculos entre os indivíduos que pertencem a esse grupo. A religião é uma importante propagadora do discurso de que se deve amar a todos, sendo mais uma ideia que será impossível de ser alcançada, pois a sociedade é repleta de pessoas que são muito diferentes umas das outras, com características que podem, mesmo sem entendimento do sujeito, gerar um desconforto ou inimizade (FREUD, 1930/2010).

Essa busca da felicidade pela via do amor, é uma técnica que as religiões propagam como uma forma de realização do princípio do prazer. Contudo, esse amor universal é um amor que não se escolhe e, assim, pode perder uma parte do seu valor ao cometer injustiças com o seu objeto, além de nem todas as pessoas serem dignas de amor. Esse amor universal vem representado na ideia de que se deve amar o próximo como a si mesmo, mas o amor precisa ser merecido, e isso vai ocorrer se aspectos importantes forem semelhantes em ambas as partes, assim amará nele e nesse próximo (FREUD, 1930/2010).

Retornando para a explicação acerca da cultura, Freud (1930/2010), propõe que a cultura pode ser entendida como todas as atividades e valores que de alguma forma são úteis para o ser humano. Dessa forma, é possível de ser analisado que o homem a cada dia está atualizando o seu modo de dominação da natureza, seja com o uso do fogo, dos animais como instrumento de trabalho, até o uso de outros seres humanos, de forma inicial através de trabalho forçado, e posteriormente por meio do salário. Os deuses surgem na sociedade como uma ideia de onipotência e onisciência, que atribui a eles todos os desejos que são impossíveis de serem alcançados ou proibidos aos seres humanos. Apesar de que, através dos avanços da ciência, o homem está cada vez mais próximo desse ideal divino de poder.

Entre as exigências culturais, está nítida a presença da ordem, ela pode ser considerada como uma compulsão de repetição, de modo que seja estabelecido o que deve ser feito, evitando oscilações em casos que são idênticos. A justificativa para tal ato é que assim permitirá um melhor aproveitamento do tempo, poupando energia psíquica dos indivíduos. Contudo, o traço que melhor pode caracterizar uma sociedade é a estima e o cultivo das atividades psíquicas mais elevadas, assim como

as produções científicas e artísticas, e o papel dominante das ideias na vida das pessoas (FREUD, 1930/2010).

Sobre essas ideias, a religião e a filosofia possuem um papel de destaque na construção ideais dos homens, concepções de uma possível perfeição dos indivíduos e as exigências que são postas a partir dessas concepções. Outro traço social característico está relacionado com a forma de como as relações entre os homens estão reguladas, e é papel da sociedade regular como essas interações irão ocorrer, ou seja, através da cultura será estabelecida a melhor forma de atuar com os familiares, vizinhos, colaboradores, entre outros grupos (FREUD, 1930/ 2010).

Para que se mantenha a ordem dentro dessa massa, é necessário estabelecer o Direito em oposição a força individual, a força bruta. Nos primórdios das comunidades, não era estabelecido os limites, assim surgiu a justiça com o intuito de garantir que a ordem legal que fora posta, não seria violada para beneficiar uma pessoa. Através dessa mudança na relação entre os indivíduos, ficou estabelecido que o passaria a preponderar seria a vontade coletiva, e não mais a individual. A convivência na comunidade passou a ser menos dificultosa, mas o preço de não ser vítima dessa tal força bruta, no entanto, foi o sacrifício das pulsões individuais (FREUD, 1930/2010).

É curioso apontar que nos agrupamentos originários, eles apresentaram uma maior liberdade individual, mas isso não significava ser mais fácil, foi necessário restringir essa liberdade, estabelecer limites para que ninguém escapasse da justiça. Contudo, essa liberdade nas famílias originárias, era focada na figura do homem, o pai e chefe da família. Ele então estabeleceria as restrições aos demais integrantes. Em relação a isso, Freud (1930/2010) explica que os preceitos do tabu podem ser considerados como sendo os primeiros direitos. A vida humana então passou a ter um duplo fundamento: a compulsão pelo trabalho, sendo essa uma necessidade imposta; e o poder do amor, que na figura do pai se faz pela não dispensa do seu objeto sexual, que era a mulher, e no caso da mulher, não dispensava a sua criança, o ser que saiu dela.

O amor que é responsável em fundar uma família tem o intuito de reunir um número considerável de pessoas de uma forma muito intensa. Esse amor na família pode ser visto entre os pais com as necessidades genitais, os sentimentos positivos entre pais e filhos, e entre os irmãos. Contudo, essa relação tem o amor

como inibido de sua meta, que era um amor plenamente sensual e passou a ser de ternura, mas no inconsciente permanece sensual (FREUD, 1930/2010).

Para além das famílias, esse amor inibido de sua meta pode estabelecer conexões com outras pessoas, como é o caso das amizades. A sua importância se dá pelo fato dessa relação acontecer com pessoas que anteriormente eram apenas desconhecidas e escapam da exclusividade que o amor genital impõe. Na prática, a sociedade estimula a inserção do indivíduo em diversos grupos, estabelecendo assim novos laços e identificações a partir da união libidinal entre os envolvidos. Essa união mobiliza a libido inibida de sua meta e fortalece os vínculos comunitários por meio da amizade. Todavia, é imprescindível a limitação da vida sexual entre os membros (FREUD, 1930/2010). Apesar do amor ser o elo que mantém os grupos, o ser humano também possui muita agressividade, o que poderia acabar dificultando a sobrevivência dos grupos, por isso as relações amorosas com a meta inibida são incentivadas na sociedade.

A partir das discussões trazidas até aqui, trataremos no próximo capítulo sobre o funcionamento das instâncias psíquicas de acordo com a segunda tópica freudiana. Essa observação se faz importante pela própria indicação de Freud (1921/2011) de que o funcionamento grupal apresenta elementos que se aproximam do funcionamento psíquico do homem, isoladamente.

4 O EU E O ISSO

Estabelecer a diferença entre consciente (cs) e inconsciente (ics) no psiquismo é uma premissa básica da psicanálise. Quando se diz que 'está consciente', significa que se trata de algo descritivo, está relacionado com a percepção imediata. Uma ideia mesmo que consciente não permanece nesse estado por muito tempo, mas pode voltar a ser se atender alguns critérios. Esse estado de *poder ser* consciente é considerado como *latente*, ou *inconsciente* (FREUD, 1923/2011).

As ideias que não podem se tornar conscientes são aquelas influenciadas por forças que se opõem a essa saída. Esse estado no qual mantém essa força antes de se tornar consciente é denominado de *recalque*. A partir da análise, é possível sentir uma *resistência* como sendo a força que mantém esse recalque (FREUD, 1923/2011).

Em relação ao inconsciente, Freud (1923/2011) classifica-o em dois tipos, o que é considerado latente, sendo aquele que tem a possibilidade de consciência, e o recalcado, que é incapaz de consciência. O que é considerado latente, somente de forma descritivamente inconsciente, não no sentido dinâmico do psiquismo, é chamado de *pré-consciente* (pcs), enquanto eu o ics é aquele material recalcado dinamicamente inconsciente.

A partir do conhecimento sobre os três termos: ics, pcs e cs, é possível seguir para a elucidação sobre o Eu do indivíduo. Para isso, Freud (1923/2011), traz a ideia do Eu como sendo uma organização coerente dos processos psíquicos na pessoa, dessa forma, o Eu está ligado com a consciência, dominando a descarga das excitações no mundo externo. É através dessa instância psíquica que partem recalques com tendências psíquicas que devem ser excluídas da consciência.

Através da análise, o material posto de lado pelo recalque acaba se contrapondo ao Eu, tendo assim a tarefa de abolir essas resistências que o próprio Eu manifesta ao ocupar-se do material recalcado. Dessa forma, as associações acabam falhando quando estão se aproximando do recalque, ou seja, a pessoa é considerada como dominada pela resistência. Essa resistência vem do Eu, contudo, o indivíduo não sabe que está dominado por essa força, ele sente um desprazer, mas nem ao menos consegue descrever, ou seja, no Eu é possível encontrar material que também é inconsciente, causando efeitos sem que se torne consciente, se comportando como o recalcado (FREUD, 1923/2011).

Reconhecemos que o lcs não coincide com o recalçado; continua certo que todo recalçado é ics, mas nem todo lcs² é também recalçado. Também uma parte do Eu – e sabe Deus quão importante é ela – pode ser ics, é certamente ics. E esse lcs do Eu não é latente no sentido Pcs, senão não poderia ser ativado sem tornar-se cs, e torná-lo consciente não ofereceria dificuldades tão grandes (FREUD, p. 21-2, 1923/ 2011).

A respeito do cs, é possível conceituar como sendo todas as percepções que vêm de fora, ou seja, as percepções sensoriais, juntamente com as percepções que vêm de dentro, conhecidas como sensações e sentimentos. As ideias para se tornarem pré-conscientes precisam de uma ligação com as representações verbais correspondentes. Essas representações, por sua vez, são resíduos de memória (mnemônicos) com a possibilidade de se tornarem conscientes, e são resíduos inseridos em sistemas adjacentes ao sistema Pcp-Cs (FREUD, 1923/2011).

Ainda sobre tais resíduos, Freud (1923/2011), explica que os resíduos verbais originam de percepções acústicas, tendo a palavra sendo considerada o resíduo mnemônico da palavra ouvida. Apenas o material concreto do pensamento se torna consciente, mas em relação aos resíduos mnemônicos óticos, entende-se que pensar em imagens é uma forma incompleta de se tornar consciente.

A percepção interna traz consigo a sensação de processos de diversas camadas do aparelho psíquico. Sendo que as sensações prazerosas não têm o caráter aflitivo em si, por outro lado, as sensações desprazerosas têm em alto grau. Contudo, essas últimas premem por mudanças e descargas, sendo assim, as sensações desprazerosas são consideradas como aquelas com uma elevação e o prazer como uma redução de energia (FREUD, 1923/2011).

Os sentimentos podem ser conscientes ou inconscientes, mesmo quando são ligados a representações verbais, não devem a essas representações a possibilidade de se tornarem conscientes, pois fazem isso diretamente. De acordo com as intermediações das representações verbais, os processos de pensamentos são transformados em percepções (FREUD, 1923/2011).

A partir desses novos conceitos acerca da percepção e do Eu, é possível considerar agora uma outra entidade, uma outra parte da psique, o Isso. Sobre ele, é possível afirmar que:

² O uso das letras maiúsculas para representar o ics, pcs e cs, são para quando forem substantivos (indicando um sentido sistemático), e minúsculas para adjetivos (indicando sentido descritivo).

Um indivíduo é então, para nós, um Isso [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema *Pcp*, seu núcleo. Se buscarmos uma representação gráfica, podemos acrescentar que o Eu não envolve inteiramente o Isso, mas apenas à medida que o sistema *Pcp* forma a sua superfície [do Eu] [...] O Eu não é nitidamente separado do Isso; conflui com este na direção inferior. (FREUD. p. 30, 1923/2011).

Somado a isso, o recalçado converge com o Isso, uma vez que esse recalçado é evidentemente separado do Eu apenas pelas resistências do recalque, e pelo Isso, é possível se comunicar com ele. Por outro lado, através de mediações do *Pcp-Cs* e influência direta do mundo externo, o Eu é considerado como a parte do Isso que é modificada. O Eu ainda se esforça com a relação da influência do mundo externo sobre o Id e os seus objetivos, uma vez que posiciona o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, sendo esse último, o que vigora no Isso (FREUD, 1923/2011).

Ademais, o Eu possui em seu interior, diferenciações que podem ser chamadas de 'ideal do Eu' ou 'Super-eu'. É possível afirmar que, na primeira fase do indivíduo, a fase oral, os investimentos objetais e a identificação não se diferenciam tão facilmente um do outro. Posterior a isso, é possível que tais investimentos procedam do Isso, uma vez que sente como necessidade os impulsos sexuais. O Eu, por sua vez, toma conhecimento desses investimentos e decide se irá aprová-los ou afastá-los por meio do recalque (FREUD, 1923/2011).

A partir do abandono desse objeto, não é incomum que o mesmo resulte em alterações no Eu. A partir dessa introjeção, o Eu permite o abandono desse objeto e assim é possível concluir que a concepção de um caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, e possuem a história dessas escolhas de objeto (FREUD, 1923/2011).

Essa mudança na escolha do objeto para uma alteração no Eu, é uma maneira desse Eu de controlar o Isso e passar a ter mais relações com ele. Diante dessa transformação da libido objetal para a narcísica, ocasiona um abandono das metas sexuais, agindo como uma sublimação. De qualquer forma, em relação às resistências do caráter às influências dos investimentos objetais abandonados, vai ser a partir das identificações iniciais que terão os efeitos duradouros. Freud nos mostra que isso se dá a partir da identificação do indivíduo para com o pai, e essa identificação é direta e é mais antiga do que o investimento objetal. A escolha dos

objetos vindos do primeiro período sexual e relativos aos pais resultam da identificação (FREUD, 1923/2011).

Tal operação ocorre da seguinte forma: o menino desenvolve um investimento objetal na mãe a partir do seio materno, enquanto que no pai vai ocorrer a identificação. Essas duas relações coexistem por um tempo, até que a relação com a mãe se torna mais intensa e o pai passa a ser visto como um obstáculo, sendo o ponto de partida para o complexo de Édipo. Essa identificação que tinha o pai como modelo, passa agora por uma hostilidade, um desejo de eliminá-lo e assim substituí-lo, sendo essa postura ambivalente o conteúdo do complexo de Édipo. Com o fim do complexo de Édipo, esse investimento objetal destinado a mãe também precisa ser deixado, e surge assim uma identificação com a mãe ou um fortalecimento na identificação com o pai (FREUD, 1923/2011).

Podemos supor, então, que o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração no Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu (FREUD, p. 42, 1923/2011).

O super-eu assume um papel de proibições. A partir dos obstáculos colocados pela figura do pai como forma de barrar os desejos edípicos, o Eu infantil se fortalece para o recalque, estabelecendo esses mesmos obstáculos dentro de si. O super-eu vai então conservar o caráter do pai, e quanto mais forte for o complexo de Édipo, então mais forte será o domínio do super-eu sobre o Eu como uma consciência moral (FREUD, 1923/2011).

Por fim, é possível perceber que os pais exercem influência na formação desse super-eu e nos modelos a serem seguidos, causando um certo fascínio no indivíduo. Tais influências são analisadas por Freud (1923/2011) da seguinte forma: o Eu se mostra composto por uma parte por identificações que tomam o lugar de investimentos abandonados pelo Id, sendo que as primeiras identificações agem de forma especial dentro do Eu Inicialmente confrontando como super-eu, e depois, com o Eu mais fortalecido, pode resistir um pouco mais às influências das identificações.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Reiterando a informação, a inserção de um indivíduo em um grupo exige que ele tenha atitudes que divergem das que ele teria se estivesse isolado. Somado a isso, eles também passam a ter os interesses individuais momentaneamente esquecidos em nome do grupo. No caso do sujeito negro, as atitudes que divergem desse sujeito isolado é a constante busca da aceitação pela via da identidade renunciada, já que, para ser considerado como um pertencente, precisa deixar de ser ele e passar a ser como o outro branco. Sobre essa questão, Souza (2021, p. 56), aponta que:

[...] a diferença não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro, o branco, proprietário exclusivo do lugar de referência, a partir do qual o negro será definido e se autodefinirá. Assim é que, para se afirmar ou para se negar, o negro toma o branco como marco referencial. A espontaneidade lhe é um direito negado; não lhe cabe simplesmente ser.

Esse afastamento e rejeição da sua própria cultura originária é uma atitude fóbica que é transmitida para as próximas gerações e acaba dificultando no processo de reconhecimento enquanto grupo de semelhantes. O sujeito negro aprende que tudo de ruim é associado ao preto, ao negro, ao lado escuro da situação, o que resulta em tentativas de embranquecer a situação, ou melhor, a sociedade, e assim passa a ter a ilusão de que assim será mais aceito. O que é difícil de ser entendido, é que por mais que haja uma tentativa de se embranquecer, de mutilar o corpo, ou de se ajustar aos moldes do que é imposto, a branquitude nunca terá dúvida de que esse sujeito negro mutilado e embranquecido não pertence ao seu grupo.

Os resquícios de tradições africanas que são encontradas na sociedade atualmente não resultam de uma benevolência dos colonizadores e de seus descendentes, mas sim, frutos de muitas lutas e resistências, como por exemplo, os quilombos que até hoje possuem o incentivo de preservação da sua identidade.

Analisando os resultados da pesquisa, estabeleceu-se que os grupos possibilitam aos seus componentes a sensação de invencibilidade, união e é a melhor alternativa para se viver em sociedade. Esse sentimento era justamente o que os colonos evitaram a todo custo, como forma de impedir esse agrupamento, logo na distribuição dos escravizados houve uma separação dos integrantes da mesma família, amigos e colocou-os com pessoas de países ou civilizações diferentes. Além

da perda dos laços afetivos, a diferença cultural era um grande obstáculo para o estabelecimento de uma união, principalmente pela dificuldade em se comunicarem por conta da diferença entre os idiomas.

Contudo, esses agrupamentos, mesmo que de forma heterogênea, não deixaram de serem formados, o que ocasionou uma força na resistência a mazelas, em criação de meios para manifestarem as suas culturas, e o apoio que o grupo se propõe a dar aos seus integrantes. Como fora dito por Freud (1921/2011), a figura do líder é essencial para manter a ordem e despertar o fascínio entre os demais, sendo alguém para seguir e se espelhar. A diferença entre as lideranças se deu pelo prestígio, enquanto os colonos estabeleceram o seu prestígio de forma artificial, ou seja, por meio de seu nome, reputação e riquezas; os líderes dentro das senzalas e quilombos foram pelo meio pessoal, sendo uma espécie de magnetismo.

O pacto da branquitude, teorizado por Bento (2022), vem trazendo a ideia de uma dominação branca, principalmente em espaços de lideranças, sendo que o negro, ao ser inserido nesses espaços, mesmo que de forma mínima, acaba sendo visto como uma ameaça. Esse movimento é importante para manter a hegemonia branca na sociedade, dessa forma, o negro não se sente pertencente a certos espaços e muitas vezes nem ousa tentar se inserir.

O papel do líder é visto como um lugar de merecimento e de muito esforço, mas o privilégio da herança colonial não pode escapar dessa análise. Ao negro, desde a sua chegada no território brasileiro, teve os direitos e acessos básicos negados ou precarizados, dessa forma não é possível falar sobre uma corrida por uma ascensão social de forma igualitária. O grupo de privilegiados precisa primeiramente se reconhecer enquanto um grupo pois, ao contrário, nunca se sentirão responsáveis pelos privilégios que favorecem os seus interesses. Acerca dessa temática, Fanon (2008), abordava que o negro deseja se tornar branco, mas o branco, na verdade, só quer ser humano.

O negro que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade. Afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação como única possibilidade de tornar-se gente (SOUZA, 2021, p. 46).

A identificação tem a meta de fazer com que o indivíduo tente ao máximo se assemelhar àquele que foi tomado como objeto, adotando características dele (FREUD, 1921/2011). Mas como será possível o acontecimento dessa identificação

sem a presença de lideranças negras como modelos a serem seguidos? As características introjetadas desde a tenra idade, são brancas, assim como os seus objetos de fascínio.

Esse fenômeno ocorre pela ausência de concepções positivas em si, se vendo obrigado a tomar o branco como modelo de identificação como uma alternativa para a ascensão social. Enquanto que, as atribuições de qualidade negativa possibilitam a permanência desse grupo como sendo considerados inferiores (SOUZA, 2021).

Enquanto que o negro precisa estar nesse lugar de passividade, dócil e obediente, o branco pode ser uma autoridade, e até paternalista, e assim é tido como um líder (SOUZA, 2021). Dessa forma, a cultura originária vai se esvaziando e a pessoa faz de tudo para se afastar de qualquer traço que lembre uma pessoa negra. Sobre isso, Cardoso (2014) aborda que a pessoa que é considerada como de pele morena, é assim chamada para não ser ofendida, como se afastando desse fenótipo, pudesse ser mais bem tratada.

Diante de tudo disso, é fácil compreender a razão que leva muitos não-brancos desejarem ser branco, ou ser menos negro. O mestiço, quando mulato, quando o fenótipo permite, até quando não permite, deseja ser bonito. Deseja deixar de ser feio, tão feio! Deixar de ser negro, deixar de ser mulato. Deseja deixar de ser repulsa para se tornar desejo (CARDOSO, 2014, p. 82).

Outra forma de controlar a população se dá pela religião, no território brasileiro, o cristianismo foi um importante instrumento de poder para tornar o domínio dos corpos mais fácil. O papel da liderança, nesse caso, trouxe uma ideia de muita bondade e de companheirismo, contudo, o objetivo era introduzir características desses líderes, mas não por fascínio, e sim por servidão. A religião cristã se consolida no país e traz consigo a convicção de que se deve amar o próximo como a si mesmo, principalmente os seus inimigos. Como já foi citado anteriormente, esse amor precisa ser conquistado para ser uma fonte de prazer, contudo, tal paradigma se apresenta aos escravizados como uma forma de aceitação e passividade diante de todas as perversidades que passaram. A religião então se apresenta como sendo o sentido da vida e fonte de felicidade eterna, mas se forem de matrizes africanas são consideradas como sendo sinônimo de tudo o que é ruim na sociedade.

Além da sua religião não ser digna de adoração e espaço na sociedade, Fanon (2008), vai falar que o negro também carrega a ideia de que não é um objeto digno de ser amado, e essa depreciação afetiva é responsável por uma sensação de

exclusão. O irracional, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro (SOUZA, 2021, p. 57).

Essa rejeição amorosa está relacionada aos critérios de beleza, arte e estética. De acordo com Freud (1930/2010), o que é considerado belo é uma das fontes de prazer e felicidade, assim como as obras de arte e a religião, contudo, como o negro pode usufruir dessa fonte de prazer se não está inserido no que é considerado belo e aceitável? Como irá conduzir as pulsões sexuais para o trabalho e para as artes, se não é inserido no mercado de trabalho e tem a sua arte considerada como inferior ou inexistente?

Por fim, apesar de não ter havido uma segregação tão demarcada como em alguns outros países, como nos Estados Unidos e África do Sul, não significa que o racismo no Brasil não existe. A falácia da democracia racial, juntamente com o processo de branqueamento da população, ocasiona uma visão negativa do que significa ser negro. Dessa forma, pertencer a esse grupo é visto como algo inferior, atrapalhando o processo de construção dessa identidade negra, assim como a recusa de qualquer tentativa de introjeção de características desse objeto por meio da identificação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a presente pesquisa se propôs a relacionar o conceito freudiano de identificação com a construção identitária negra, além de identificar os impactos das massas nesse processo. Sendo assim, é possível concluir que a pesquisa obteve o seu êxito.

No processo de escrita acerca da construção identitária negra, não seria possível abarcar todos os traços que compõem esse grupo cultural, uma vez que, apesar das constantes tentativas de apagamento, se constitui como uma cultura muito rica e com diversos caminhos a serem abordados. Enquanto que na investigação sobre os grupos, novos direcionamentos foram surgindo, como foi o caso das fontes de prazer e fugas do desprazer.

Inicialmente foi levantada a hipótese de que sem o reconhecimento de si enquanto sujeito negro, o processo de identificação seria prejudicado, sendo os seus alvos majoritariamente brancos. Esse posicionamento provou ser verdadeiro a partir do momento em que desde a tenra idade, a criança negra é bombardeada com influências que não fazem parte da sua realidade enquanto corpo negro. Crescer rodeada de influência branca na televisão, na música, nos papéis de lideranças, no que é considerado como padrão estético, permitiu que o sujeito negro entendesse que ser negro não é algo bom e desejável, significa não pertencer, e o ideal seria se afastar ao máximo dessa realidade.

Considerando que no processo de identificação, o sujeito almeja adquirir as características do seu objeto, e sendo esse em sua maioria branca, então o sujeito deseja ser o outro que nunca será, por mais que isso signifique uma mutilação do seu corpo ou o total afastamento de qualquer característica que possa ser identificada como sendo 'coisa de preto'. Esse outro, branco, não possui dúvidas no reconhecimento do sujeito negro, e interpreta a sua inserção nos espaços como uma ameaça, mesmo que essa inserção seja mínima.

Por fim, apesar da ideia de uma cumplicidade entre os grupos raciais, falar sobre uma igualdade racial ou democracia racial no Brasil, não passa de uma ilusão por parte dos herdeiros desse colonialismo. Quanto menor for a inserção de pessoas negras nos papéis de lideranças, menor será a sua influência e o prestígio perante as massas, mantendo assim a hegemonia branca no lugar que sempre almejou.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras; Schwarcz. 2022. 152 p.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray. BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 25-55.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. 2014. 290 p. Orientador: Dagoberto José Fonseca. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/115710>. Acesso em: 20 nov 2022.

CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. CARONE, Iray. BENTO, Maria Aparecida Silva. In: **Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 13-23.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. 194 p.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id (1923). In: **Obras Completas, volume 16: O Eu e o Id, 'Autobiografia' e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-75.

_____. O Mal-estar na civilização (1930). In: **Obras Completas, volume 18: O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e outros textos 1930-1936**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 p. 13-122.

_____. Psicologia das Massas e Análise do Eu (1921). In: **Obras Completas, volume 15: Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-113.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas. In: **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito**. São Paulo: 2001. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st20-3/4678-aguimaraes-democracia/file>. Acesso em: 01 out 2022.

HOFBAUER, Andreas. Brasil: as infindáveis reformulações do “ideal branco”. In: **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. - São Paulo: Editora UNESP, 2006. p. 145.

MUNANGA, Kabengele. Introdução. In: **Negritude: usos e sentidos**. – 4. ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. – (Coleção Cultura Negra e Identidades). p. 9-17.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. – 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978. 183 p.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte : Letramento, 2019.124 p.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do Corpo Negro**. 1998. 146 p. Orientadora: Profª Drª Iray Carone. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo - USP, 1998. Disponível em: <http://www.ammapsique.org.br/baixar/corpo-negro.pdf>. Acesso em: 20 nov 2022.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa** [livro eletrônico] / Sidnei Nogueira. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. 160 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia: Método Científico. In: **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**, 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 31-34.

_____. Pesquisa Científica. In: **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**, 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. p. 51.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. - 1 ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021. 170 p.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. -- São Paulo : Pólen, 2019. 208 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)